DIARIO DO PIAUHY

Orgam Official dos Poderes do Estado

ANNO IV | Assignaturas: Anno . . . . . 15$000, Semestre . . . . . 8$000 | THEREZINA, quarta feira, 22 de julho de 1914. Redação e officinas Praça Rio Branco n. 37 | VENDA AVULSA: Numero do dia . . . . 100, Numero atrasado . . . . 200 | Nº 164

RELATORIO

Apresentado ao exm. sr. dr. Miguel de Paiva Rosa, governador do estado do Piauhy, em 30 de abril de 1914 pelo secretario de estado da fazenda

(Conclusão)

Arrecadação das rendas

Está sendo feita regularmente a arrecadação das rendas do Estado, pelas Mesas de Rendas de Therezina, Floriano e Parnahyba e pelas Collectorias de S. Raymundo Nonnato, Picos, União e Valença; S. João do Piauhy, Castello, Simplicio Mendes, Livramento, Piracuruca e Peripery; pelas demais estações de arrecadação, porèm, já não se dá o mesmo e isto se verifica facilmente examinando o quadro demonstrativo de rendas arrecadadas, onde a differença para menos notada, entre rendas dos exercicio de 1912 e 1913, resalta ás nossas vistas.

A arrecadação dos impostos de consumo é feita de modo vergonhoso, não obstante reteiradas recommendações a respeito.

Ha municipios, como V. Exc. dignar-se-ha de ver, que sò arrecadam de consumo o imposto sobre rezes e porcos abatidos, demonstrando, assim, que não é cobrado por incuria ou conveniencia, o imposto sobre tecidos, sabão, café, charutos, & &.

Estou convencido que recommendações sobre arrecadação de rendas, sem uma fiscalisação severa, por funccionarios que percorram os diversos municipios do estado, pelo menos duas vezes por anno, nada aproveitam, pelo que proponho a V. Exc. a creação de dois lugares de fiscaes das rendas do Estado, incumbidos, não sò da fiscalisação da receita arrecadada e da escripturação desta, como tambem da confecção de lançamentos, trabalho que deverão os senhores encarregados de arrecadação das rendas apresentar no praso por lei estipulado.

A medida que apresento é de grande utilidade para o Estado.

Os dois fiscaes deverão percorrer, um os municipios do norte, outro os do sul do Estado.

Assim, e sò assim, cumprindo os fiscaes os seus deveres, si poderá ter lançamentos que, approximadamente, exprimam a verdade e, portanto uma receita regular no Estado.

Do quadro dignar-se-ha V. Exc. de ver, por estações de arrecadação, as rendas do Estado no exercicio de 1913.

Exportação

A exportação de productos deste Estado, no exercicio de 1913, produziu a quantia de Rs. 491.348$049, que comparada com a do exercicio de 1912, na importancia de Rs. 640.295$762, demonstra para menos uma differença de Rs. . . . 148.947$713, attribuida, não sò á diminuição quantitativa da producção, como tambem a depreciação de alguns dos principaes generos de exportação do Estado, notadamente—borracha, cêra e algodão.

A receita deste imposto, arrecadada no triennio ultimo foi a seguinte:

Em 1910	795.563$110
Em 1911	649.122$360
Em 1912	640.295$762

Estabelecendo-se comparação entre a receita do exercicio que vem de findar-se com a de cada um dos annos do triennio citado, verifica-se que a arrecadação deste imposto no exercicio de 1913 foi inferior á de qualquer delles sendo quanto á do exercicio de 1910 em rs. 304.215$061, á do exercicio de 1911 em rs. 157.781$311, e á do exercicio de 1912 em rs. 148.947$713.

V. exc.ª dignar-se-ha de ver especificadamente, do quadro annexo sob n. 3, a exportação havida nos exercicios de 1912 e 1913 e a differença de rs. . . . 148.947$713, de que trato acima.

Imposto predial

Este imposto continúa a ser arrecadado de conformidade com o disposto no Regulamento que baixou com o decreto n. 388 de 26 de outubro de 1908.

Recahe o imposto sobre o valor locativo de todos os predios urbanos, suburbanos e em geral sobre todo o agrupamento de casas em numero superior a 25, comprehendidas neste numero as cobertas de palha e telheiros.

O pagamento deste imposto, de conformidade com o art. 9.º da lei n. 733 de 26 de julho de 1912, é feito em abril de cada anno na razão de 10 % do aluguel que se reconhecer ou for arbitrado, em cidades, villas, povoações ou zonas suburbanas

Vasto como è o campo para lançamento, a arrecadação deste imposto, parece-me, poderia produzir muito, si na confecção de alludidos lançamentos prevalecesse um verdadeiro criterio,

Assim, porém, não acontece. O valor locativo dos predios sobe dia a dia; as construções são constantes; entretanto, os lançamentos para a arrecadação do imposto predial pouco alteram, a differença de um anno para outro è por demais diminuta, não corresponde ao augmento de predios e alterações sensivelmente notadas em valor locativo.

Produziu este imposto, no exercicio de 1913, a quantia de rs. 61.146$580, que comparada com a do exercicio de 1912, e que foi de rs. 51.626$847, verifica se uma differença de rs. 9.519$733 para mais.

Do quadro annexo, sob n. 4, dignar-se-ha V. ex.ª de ver, por municipios deste Estado, o numero de predios sujeitos ao imposto de que venho tratando.

Fianças

Não obstante o grande interesse que tenho ligado a prestação de fianças ainda não me foi possivel conseguir que todos os encarregados de arrecadação das rendas do Estado e respectivos escrivães, preenchessem essa formalidade legal para o exercicio de taes cargos. Estão, porem, iniciadas todas as fianças, como já disse em outra parte deste relatorio.

A prestação de fiança pela forma constante do disposto no art. 21 do Regulamento que baixou com o Decreto n.º 579 de 18 de novembro de 1913, acautella melhores interesses da fazenda, è rapida e menos dispendiosa para a parte que a exigida anteriormente com a hypotheca de bens e de que tratei no primeiro relatorio que tive a honra de apresentar a V. Exc.

Do quadro annexo sob n.º 5, V Exc. dignar-se-ha de ver o numero e nome dos encarregados da arrecadação do Estado e respectivos escrivães devidamente afiançados e os dos que ainda não satisfiseram essa exigencia da lei.

Apolices

De conformidade com a autorisação constante em a lei n.º 773 de 22 de julho de 1913, foram emittidas apolices da divida publica do Estado, no exercicio que vem de findar-se, na importancia de Rs. 575.050$000, sendo em apolices do valor de cem mil reis cada uma, de numeros 1 a 1001,—Rs. 100.100$000, e do valor de cincoenta mil reis, de numeros 1 a 9501—Rs. 475.050$000.

As apolices são ao portador e de juros de 7 o|o ao anno.

Imprensa official

Continúa a ser regida esta repartição pelo regulamento que baixou com o decreto n. 465 de 15 de fevereiro de 1911. A sua receita no exercicio de 1913 foi da quantia de rs. 11:011$245 e a sua despeza da de rs. 61:094$066, como tudo dignar-se-ha v. exc de ver do balanço annexo da receita e despeza deste estado

Secretaria de fazenda

Esta repartição continúa a ser regida pelo Regulamento que baixou com o Decreto n.º 492 de 10 de setembro de 1911. E' má a sua organisação, pelo que me parece de conveniencia solicitar V. Exc. do Congresso Estadoal autorisação para reformal-a.

Funcciona em um proprio do Estado de amplas acommodações e em perfeito estado de conservação.

Os seus empregados são assiduos, trabalhadores, honestos e cumprem de modo satisfatorio os deveres inherentes a seus respectivos cargos.

Todo o serviço desta repartição acha-se em dia, inclusive o de tomadas de contas de responsaveis para com a fazenda Estadoal até o exercicio de 1912.

Actualmente, com o pagamento do pessoal desta repartição, como do quadro annexo sob n. 6, despende o Estado a quantia de Rs. 44.320$000.

Conclusão

São estas as informações que tenho a ministrar a V. Exc.

Saude e Fraternidade,

Benedicto Francisco Ribeiro.

Telegrammas

Serviço especial do DIARIO DO PIAUHY

INTERIOR

RIO, 20.

O sr. ministro da fazenda resolveu que os fiscaes das companhias, ahi, não são sujeitos ao desconto constante da lei orçamentaria, tendo, neste sentido telegraphado ao delegado fiscal nesse estado.

RIO, 20

Não haverá eleições em Minas para preenchimento da vaga do dr. Feliciano Penna.

Consta que em janeiro será eleito o sr. Bueno Brandão que deixará antes o governo.

RIO, 20.

O sr. Bernardo Monteiro acha-se em Itajubá, tratando com o dr. Wenceslau Braz a respeito da politica mineira.

RIO, 20.

Na camara, Mauricio de Lacerda e no senado o conselheiro Ruy Barbosa, trataram dos factos occorridos em Nictheroy, affirmando que houve coacção na assembléa fluminense onde os nilistas continuam as sessões preparatorias, constando que apuraram a eleição para um deputado e decretaram a perda de mandato para dois governistas.

DO ESTADO

AMARANTE, 21.

E' esperado nesta cidade o exm. sr. dr governador. Os amigos preparam-lhe recepção condigna, honrosa hospedagem.

PARNAHYBA, 21.

Acha-se em Tutoya, o dr. João de Deus Pires Leal, que segue para Porto-Alegre, afim de tomar um vapor e seguir para essa capital.

EXTERIOR

INGLATERRA

LONDRES 20.

Os titulos brasileiros tiveram uma ligeira alta em virtude da noticia de sabbado, sobre o andamento das negociações do emprestimo.

FRANÇA

PARIS, 20.

Começou o julgamento de Madame Caillaux. O tribunal sempre repleto de curiosos. Preveem que os trabalhos durarão quatro a cinco dias.

PARIS, 20

Em Lourdes foi sentido um terremoto, sem desastres, mas a população se acha apavorada.

Recebidos via Maranhão

RIO, 21.

Falleceu o sr. dr. Sylvio Romêro, victima de arterio-sclerose.

RIO, 21.

Na camara, por occasião de se realizar a votação do parecer sobre a intervenção do Ceará, o deputado Mauricio de Lacerda requereu preferencia para outro projecto, sendo rejeitada por 100 votos contra 10.

Em seguida, o deputado Moreira da Rocha pediu que a votação fosse nominal, tambem negada por 8 votos contra 30.

O deputado Mello Franco requereu a votação por partes, dizendo em nome da bancada mineira que esta considerava illegaes todos os actos que o governo praticou no Ceará. A bancada votaria a primeira parte do parecer, regeitada na segunda.

O sr. Pedro Moacyr declarou negar o voto ao parecer, fazendo identicas declarações o sr. Costa Ribeiro pela bancada pernambucana, e o sr. Cincinato Braga pela bancada paulista. Cincinato manifestou-se de accordo com o voto em separado do sr. Arnulpho Azerêdo.

O sr. Felisbello Freire defendeu o parecer de que é auctor.

Votada a primeira parte do accordo sobre requerimento do deputado Mello Franco, foi a mesma approvada por 97 votos contra 82.

Annunciada a votação da segunda parte, o sr. Mauricio de Lacerda proferiu um longo discurso, secundando-o o sr. Irineu Machado que requereu a votação nominal sendo negada por 80 votos contra 40. A votação symbolica da segunda parte do parecer, foi approvada por 81 votos contra 39.

Justificaram votos, os srs. Pires de Carvalho, Luciano Pereira, Octavio Mangabeira, Carlos Peixoto, Manoel Fulgencio, Fonseca Hermes.

RIO, 21.

Todas as altas patentes da armada são contrarias ao projecto do deputado Irineu Machado autorisando a venda dos dreadnoughts brasileiros e rescisão do contracto para a construcção do «Riachuelo».

O sr. almirante Alexandrino de Alencar, ministro da marinha, intervistado, declarou que achava bom que o governo vendesse o «Minas Geraes» e S Paulo», para auctorisar immediata construcção de dois super-dreadnoughts.

S. LUIZ, 21.

Foi inaugurada hontem com assistencia do governador, intendente municipal, e outras autoridades, a villa de propriedade da Caixa Popular, composta de 2[illegible] casas.

A villa forma uma rua denominada «Victor Castro», nome de um dos fundadores dessa sociedade, já fallecido.

S. LUIZ, 21.

Ouvi que o dr. Araujo Costa foi convidado para o logar de secretario da fazenda e não acceitou allegando molestia.

S. LUIZ, 21.

Iniciado hoje o pagamento de juros das apolices estadoaes referentes ao ultimo semestre.

S. LUIZ, 21.

Dom Luiz de Britto, arcebispo de Olinda, partirá brevemente para esta capital.

OS JUDEUS COMO FORÇA ECONOMICA

Muito se tem escripto sobre a historia dos judeus e sobre o papel que essa raça tem representado no desenvolvimento economico do mundo; mas o assumpto nunca foi tratado com a competencia e profundeza com que foi abordado no recente livro de Werner Sombart, Die Juden und das Wirtschaftslebens, que acaba de ser traduzido em inglez, sob o titulo «The Jews and Modern Capitalism». Pela primeira vez, a posição dos semitas, no complexo processo da evolução do capitalismo moderno é examinada com grande proficiencia por um economista de nomeada e que fez do estudo das questões relativas ao desenvolvimento do systema capitalista a sua especialidade.

Mas o livro de Sombart apresenta ainda outros titulos, além da competencia do seu auctor naquella especialidade. Sombart não é sómente um economista: é tambem um escriptor, cujos merecimentos litterarios são reconhecidos em toda a Allemanha e isto explica em grande parte o exito que o seu livro obteve naquelle paiz. «Die Juden und das Wirtschaftslebens» teve leitores para além do circulo dos economistas e financeiros, e despertou um vivo interesse em todos os circulos intellectuaes da Allemanha culta. Trata-se, de facto de um livro em que se agitam idéas que interessam a todos os que se preoccupam de questões de philosophia social; e na discussão desses topicos geraes desapparece o lado somente technico que a obra aprecia sem esse caracter.

A these fundamental do livro de Sombart é muito simples. Elle mostra que sem o capitalismo, a civilisação moderna seria impossivel, e em seguida demonstra que foi da mistura dos judeus com os povos da Europa septentrional que nasceram as condições sociaes, graças ás quaes se tornou possivel o apparecimento do capitalismo moderno. A sciencia economica, que é geralmente considerada como um dos mais aridos estudos, offerece, comtudo, na sua litteratura, provas brilhantes da inverdade dessa opinião popular. De facto, os livros que se tornam classicos em economia politica são obras cujo interesse fascinante as collocam entre as mais agradaveis leituras. Desde o immortal tratado de Adam Smith atè aos livros mais modernos, em que se sustentam theorias economicas, que teriam arripiado os cabellos do auctor de «The Wealth of Nations», ha amplo material para fornecer interessante leitura a qualquer pessoa que possa apreciar a fascinação dos estudos sociologicos. Mas nessa bibliotheca economica, os livros sobre a evolução das modernas instituições capitalistas offerecem uma attração particular. E' neste ultimo grupo que figura o livro de Werner Sombart, e, incontestavelmente, elle occupa alli um logar de primeira ordem.

Sombart começa o seu estudo, sobre o papel do judeu no desenvolvimento do capitalismo moderno, analysando um dos phenomenos historicos mais interessantes occorridos na Europa nestes ultimos seculos.

Refiro-me á transferencia da hegemonia commercial do sul para o norte da Europa: do Mediterraneo para as regiões que circundam o Mar do Norte.

Sombart rejeita, depois de um exame minucioso, todas as theorias que pretendem explicar esse deslocamento da supremacia economica como um effeito da reforma protestante, ou da decadencia das raças latinas, ou ainda do desenvolvimento e qualquer faculdade especial nas novas raças teutonicas, que a partir do seculo XVI, representaram-um papel mais importante nos destinos da Europa. A unica explicação que, segundo o escriptor allemão, póde ser aceita como satisfatoria é a que se attribue á emigração dos judeus para os paizes protestantes do declinio economico da Europa meridional, e o correspondente desenvolvimento das nações do norte.

Ha muito tempo que varios economistas têm assignalado o papel da emigração semitica como um factor da transferencia de poder economico do sul para o norte; mas o interesse da obra de Sombart é que nella, pela primeira vez, se sustenta a theoria de que esse facto foi a causa unica do phenomeno.

A liberdade religiosa, adquirida pelos paizes septentrionaes com a reforma, não teria agido como uma força de estimulo intellectual, da qual resultou o desenvolvimento das aptidões mentaes, que são essenciaes ao commercio e á creação da riqueza. Sombart sustenta que esses factores foram apenas causas indirectas, que determinaram o estabelecimento dos judeus nos paizes do norte, e assim tornaram possivel a formação do regimen capitalista e da civilisação, que com elle se acha identificada.

A theoria do economista allemão leva a extremo ultra-radical a idéa das aptidões economicas do judeu que, aliás, são geralmente reconhecidas.

Segundo Sombart, a capacidade commercial é um attributo exclusivo da raça semitica. Fóra do povo eleito, não existe a minima aptidão para a fórma especial de actividade intellectual que é essencial na concepção dos planos sobre os quaes se funda todo o systema financeiro do alto commercio.

O homem das outras raças póde, quando muito, ser um imitador do israelita; mas se nas veias lhe não correm alguns globulos do sangue privilegiado, a sua actividade economica declinará como uma planta á qual falta a humidade da terra fertil.

Sombart formula uma interessantissima theoria segundo a qual seriamos levados a crer que a humanidade branca do Occidente está dividida em dois grandes grupos ethnicos, cada um dos quaes possue caracteristicos fundamentaes inalienaveis. De um lado, os Aryanos representariam os trabalhadores da terra, os artifices, os homens do trabalho muscular em fim. Do outro estariam os semitas, cujo destino seria accumular a riqueza obtida pela actividade do primeiro grupo. Sombart que, no meio de rigor scientifico da sua exposição, deixa entrever um decidido preconceito anti-semita, colloca essa divisão das funcções sociaes e economicas dos dois grandes grupos ethnicos do Occidente em um terreno em que é possivel definir as mutuas relações entre Aryanos e Semitas, dizendo que os primeiros são os trabalhadores e os segundos os parasitas, cuja funcção é aproveitar o producto da actividade alheia.

E' claro que a expressão «parasitas» é empregada não no sentido popular da palavra, mas sim na rigorosa accepção biologica em que os sociologos a usam. A demonstração desta theoria é feita nas paginas do livro de Sombart, com uma riqueza inesgotavel de argomentos de ordem historica.

Remontando as origens da civilisação na Europa, Sombart mostra os semitas da Phenicia e de Carthago, lançando as bases da moderna civilização capitalista. Emquanto os Aryanos do littoral do Mediterraneo e das Ilhas Britannicas e das costas da Iberia, lavravam a terra e caçavam e extrahiam da terra as riquezas naturaes, os mercadores Semitas teciam as primeiras meadas da grande réde economica, que só attingiu uma fórma quasi perfeita no mundo moderno. Desde essa época, Sombart vê a divisão das duas grandes funcções na Europa. Aryanos, trabalhadores do musculo, e semitas obreiros cerebraes que, sem esforço physico, reunem a riqueza. Proseguindo na sua investigação, o auctor acompanha as migrações Semitas, desde a antiguidade até o seculo XX, assignalando constantes factos que parecem dar uma poderosa comprovação da theoria principal. Na Idade Média, a curva das imigrações, forçadas ou voluntarias do Israelita, coincide com o diagramma do desenvolvimento do commercio e da accumulação do capital. Nos tempos modernos o mesmo phenomeno occorre com uma regularidade tão evidente que Sombart pode dizer que seria absurdo attribuir a uma simples coincidencia esse curioso parallelismo. O ultimo exemplo citado é o dos Estados Unidos. Ao periodo de desenvolvimento, puramente agricola e industrial, que caracterizou a vida economica dos Estados Unidos, até ao principio do ultimo quartel do seculo XIX, succedeu-se naquelle paiz uma éra de prodigiosa actividade financeira, cujo principal resultado foi a formação das grandes corporações industriaes e o apparecimento dos Estados Unidos no grande mundo da finança internacional.

Sombart chama a attenção para o facto do inicio e da marcha desta nova phase da evolução economica dos Estados Unidos coincidir rigorosamente com o principio da imigração Judaica naquelle paiz e com a ascendencia, que o elemento semita obteve durante os ultimos trinta e tantos annos na vida economica da America do Norte. Depois desse exame geral do panorama historico, o auctor allemão não pode fugir á conclusão de que, sob o ponto de vista economico, «Israel passa pelo Occidente como o sol; a sua chegada á vida e á riquezas surgem; quando o povo eleito se vai embora, a decadencia economica e a pobreza apparecem».

Estas interessantes theorias têm provocado vivas polemicas, em que tomam parte differentes sociologos e economistas europeus. Logo que appareceu a edição allemã do livro de Sombart, o professor H. Pirenne analysou alguns aspectos das idéas de Sombart, em uma memoria apresentada ao Congresso Internacional de Estudos Historicos, que se realizou o anno passado em Londres. O professor Pirenne acceita o principio fundamental da theoria Sombart, isto é, a dualidade entre o trabalho muscular de certos individuos e a actividade puramente cerebral dos que organizam as instituições economicas e o systema financeiro, que são a base da nossa civilização.

Mas essa divisão das aptidões não corresponde a nenhuma differença racial. Ella decorre do grau de desenvolvimento relativo em que se acham as varias camadas duma população. Segundo Pirenne, o processo de cultura cerebral, que culmina na acquisição das aptidões financeiras formando por assim dizer a coroação da evolução economica do individuo, começa pela emigração do camponez para a cidade. Estudando esse processo no caso especial da Europa, Pirenne mostra o camponez sendo forçado, pelas grandes fomes do seculo XIII, a deixar os campos e a ir para as cidades onde era mais facil encontrar meios de subsistencias.

Pouco a pouco, esses rusticos foram adquirindo uma capacidade intellectual que os seus antepassados não possuiam e simultaneamente com o desenvolvimento cerebral começaram a ter repugnancia pelo trabalho physico, que parece ser um phenomeno concomitante com a expansão da intelligencia.

Os officios que exigem grande esforço muscular foram sendo gradualmente substituidos pelas profissões em que a actividade cerebral representava um papel muito mais consideravel que a acção manual.

Essas profissões foram se tornando mais remunerativas e, como o desenvolvimento da intelligencia creava no artifice os instinctos da economia e a previsão que o levava a ajuntar para as eventualidades futuras, uma classe de pequenos capitalistas surgiu pouco a pouco.

Della emergiu mais tarde a burguezia medieval, que formando as sociedades de mercadores *(guilds)*, começou a resistir á oppressão da nobreza. O capitalismo tinha estabelecido os seus alicerces, e a substituição da organisação militar de feudalismo pelo systema mercantil da sociedade moderna tornou-se desde então inevitavel.

Mas o professor Pirenne não admitte o monopolio economico que Sombart confere ao israelita. Igual opinião foi expressa pelo economista inglez Epstein que, em um estudo da obra de Sombart publicado recentemente na «Fortnightly Review» fez uma brilhante critica da theoria do escriptor allemão sobre o papel do semita na evolução do capitalismo moderno. Epstein, que é um judeu, foi sem duvida inspirado pela idéa de combater a tendencia francamente anti-semita que o livro de Sombart apresenta, não obstante a imparcialidade scientifica dos methodos de critica e de exposição nelle seguidos.

Epstein combate vigorosamente toda a theoria historica de Sambort. Segundo a opinião do critico inglez, a historia do desenvolvimento do capitalismo e da moderna civilização mercantil na Europa demonstra que essas instituições se formaram em muitos paizes sem a minima contribuição semitica, embora na marcha ulterior do seu processo evolutivo tenham sido influenciados pela actividade dos judeus. O causa mais importante, que Epstein cita, é o da Inglaterra.

A passagem da nação ingleza das condições essencialmente agricolas da primeira parte da Edade Media para o commercialismo incipiente do fim daquelle periodo historico, e para a expansão economica do reinado de Isabel, occorreu sem que houvessem entrado em jogo elementos semiticos de especie alguma.

Epstein affirma que todo o processo de desenvolvimento economico da Inglaterra se originou na grande revolução, operada nas condições da vida agraria no seculo XV e na subsequente consolidação nacional effectuada sob os Tudors. O robustecimento do poder monarchico, restringindo a prepotencia dos senhores feudaes e creando condições mais favoraveis á accumulação tranquilla da propriedade, determinou uma onda geral de prosperidade, de que partilharam os membros da burguezia urbana e a parte mais intelligente da vasta classe de artifices, formada pelo exodo dos camponezes que a revolução agraria encaminhára para as cidades.

Proseguindo nessa ordem de considerações, Epstein estuda o periodo da formação das grandes companhias, que se especializaram no commercio exterior e na exploração de regiões longinquas. Essas empresas, que começaram a apparecer nos ultimos annos do seculo XVI e nos principios do seculo XVII, deveram a sua origem exclusivamente a dois factores. Um foi a accumulação da riqueza durante o excellente governo dos Tudors, especialmente nos reinados de Henrique VII, Henrique VIII e Isabel. Esse periodo da historia da Inglaterra assignala-se particularmente por uma repressão energica, podemos mesmo dizer brutal e cruel, dos crimes que até então tinham tornado a vida na Inglaterra pouco segura. O reinado de Henrique VIII representou um papel decisivo na futura orientação social e economica do povo inglez.

Não sòmente as leis foram então applicadas com uma severidade sem precedentes, como uma outra circunstancia veio concorrer para tornar o ambiente social da Inglaterra muito mais propicio ao desenvolvimento do commercio e á accumulação da riqueza. A abolição dos conventos veio pôr termo a um estado de cousas que fôra herdado da Idade Media e que è antagonico ao desenvolvimento da riqueza. Além de outras consequencias, que o monasticismo acarretava, embaraçando o desenvolvimento economico do paiz, elle servia para manter uma vasta classe de vagabundos e de criminosos que viviam ociosamente á sombra da caridade conventual. Cada uma das casas religiosas sustentava um certo numero de vadios, que vinham ás portarias pedir o comer. A maior parte dessa gente repartia o seu tempo entre a mendicidade e o crime. Quando os conventos foram supprimidos por Henrique VIII, essa enorme massa, de mendigos e criminosos, ficou desprovida de sustento e tornou se um terror para a população. Henrique VIII e os seus ministros encetaram uma implacavel campanha contra os vagabundos. Não se póde dizer com precisão o numero dos que foram enforcados, porque

não ha documentos officiaes sobre esse ponto. Em um estudo recente o numero de vagabundos enforcados durante os ultimos dezoito annos do reinado de Henrique VIII foi calculado em setenta e dois mil.

E' possivel que esse total seja um pouco exaggerado, mas o estudo das chronicas da época e a comparação com as execuções feitas no reinado de Isabel, sobre as quaes ha documentos, mostram que o numero de infelizes mendigos, que pereceram nas mãos do carrasco, logo após a suppressão dos conventos, não deve ter sido muito inferior ao total acima mencionado. Essa politica de repressão brutal da criminalidade e da vadiagem continuou no reinado de Eduardo VI, embora um pouco abrandada, e foi de novo executada com grande vigor durante o longo reinado de Isabel.

Os effeitos da lucta contra o crime e contra a vagabundagem não tardaram em se fazer sentir. Nas ultimas decadas do seculo XVI, a Inglaterra, que durante a edade media gozára sempre de uma reputação pessima no tocante á frequencia do crime e á falta de segurança para a vida e para a propriedade, offerecia melhores garantias sociaes do que qualquer outro paiz da Europa.

Essas condições permittiram aos elementos trabalhadores da população accumular a riqueza em circunstancias excepcionalmente favoraveis e assim se formaram as bases do capitalismo inglez, em uma época em que a anarchia reinante na Italia e em outros paizes meridionaes tornava alli pouco seguras as condições sociaes e destruia a estabilidade economica de que depende a expansão commercial. Epstein analysa tambem o desenvolvimento economico da Hollanda, mostrando que elle não foi devido á presença do judeu.

Neste caso, porém, o seu argumento é muito mais fraco do que ao exemplo da Inglaterra. Neste ultimo caso, todo o desenvolvimento inicial das instituições capitalistas teve lugar em um periodo em que não havia judeu no territorio inglez. Os judeus foram expulsos da Inglaterra por Eduardo I em 1290 e só foram de novo admittidos em 1655 por um decreto de Cromwell. Ora, foi exactamente no periodo intercallar entre essas duas datas que o capitalismo inglez germinou e tomou forma definida. No fim do seculo XIII, quando o acto cruel de Eduardo I expulsou os israelitas, a Inglaterra jazia ainda em pleno regimen agricola; quando Cromwell, reparando a injustiça commettida sob a influencia das superstições medievaes, revogou o velho decreto de 1290 o commercio inglez já estava fundado e era já uma força sufficientemente poderosa para disputar aos hollandezes a hegemonia commercial do mundo. Toda essa obra de desenvolvimento economico tinha sido feita fóra da influencia semitica.

Epstein, para corroborar a sua these, cita ainda o caso de que na edade média os Lombardos, que eram puros Aryanos, representaram um papel preponderante na fundação do commercio e na creação das instituições bancarias. A idéa de que o nosso moderno systema financeiro é de origem semitica soffre vigorosa opposição da parte do economista anglo-judeu.

Sustenta elle que longe de haverem creado o capitalismo, os judeus não fizeram mais do que adaptarem-se a um regimen que, nas condições especiaes em que os israelitas estavam collocados, lhes offerecia certas vantagens. O banco moderno e as linhas geraes do systema bancario contemporaneo foram e resultado da actividade commercial dos Lombardos. Os Médices e as outras dynasticas financeiras, sahidas de entre os banqueiros Lombardos foram os verdadeiros fundadores do capitalismo moderno.

E' ao genio commercial dos italianos que se deve a concepção do plano inicial, de onde evoluiu a gigantesca organização economica do mundo moderno e com ella toda a estructura da nossa civilização. Em varios pontos da Europa sobrevivem na linguagem commercial expressões, que são a reliquia viva do poder da hegemonia financeiro de Lombardo.

A proposito das idèas de Sombart sobre o supposto monopolio economico do judeu voltou a baila a interessante questão historica sobre a origem da lettra de cambio. A theoria, que outr'ora corria como verdadeira, de que a lettra de cambio era uma invenção dos mercadores judeus, que adoptaram esse processo para remetter dinheiro de um ponto para outro, está hoje abandonada pela maior parte de que estudarem esse assumpto.

Segundo as novas idéas, a historia das origens do instrumento commercial, que pode ser considerado como o symbolo de toda a organisação financeira e economica do mundo moderno, é inteiramente differente. Como muitas outras contribuições feitas para a obra do desenvolvimento do capitalismo moderado, a lettra de cambio é tambem uma creação dos mercadores Lombardos da Edade Média.

O valor deste facto é consideravel, porque tão grande é a importancia da lettra de cambio no mecanismo commercial e tão decisiva foi a sua influencia no desenvolvimento do systema financeiro moderno, que bem se pode dizer que aos seus inventores cabe a gloria de haverem sido os fundadores do capitalismo moderno.

Outros criticos têm tambem atacado as theorias historicas de Sombart sobre o judeu como força economica. O alcance das conclusões do escriptor allemão justifica bem esse interesse generalizado que o assumpto tem despertado nos circulos dos economistas.

Si porventura a these de Sombart fosse verdadeira, poderiamos dizer que toda a nossa civilização estava em condições extremamente precarias. Sombart reduz o capitalismo a um simples producto do genio especial de uma raça numericamente franca.

Segundo o auctor allemão, o moderno systema mercantil não teria evoluido como um resultado natural do desenvolvimento normal das sociedades humanas; seria uma instituição peculiar a um certo grupo ethnico.

Ora, estando os destinos da nossa civilização intimamente ligados ao systema commercial, que forma a base da vida civilizada, o unico obstaculo que existira entre nós e a volta á barbaria seriam os viate milhões de judeus que se acham espalhados pelo mundo e a cujas particularidades psychologicas deveriamos as instituições commerciaes e financeiras do planeta.

A gravidade de uma tal situação seria incalculavel. Com a eliminação das superstições religiosas, que creavam barreiras isolando os israelitas e protegendo-os assim contra o perigo da absorpção pelos outros povos, desappareceram as causas que mantinham os judeus em um compartimento estanque da sociedade.

Dentro em um prazo não muito longo, o sangue israelita estará misturado com o de outras raças e assim se iriam diluindo as faculdades economicas, que formaram o capitalismo moderno e ás quaes se deve a existencia da civilização occidental.

Felizmente parece que o escriptor allemão, fascinado pela indiscutivel importancia do papel economico que o judeu desempenhou na formação da civilização moderna, se deixou levar a um extremo que é incompativel com os factos evidenciados pela verdade historica.

Embora possuam certas aptidões especiaes para o commercio e para a actividade financeira, as raças semiticas não têm comtudo um monopolio dessas faculdades. O systema mercantil moderno é uma manifestação natural da actividade dos povos que emergem da semibarbaria do estado agricola para a vida civilisada.

Em todos os climas e em todas as raças as instituições commerciaes e financeiras apparecem sempre que as condições sociaes se tornam sufficientemente estaveis para permittir a accumulação tranquilla da riqueza e a cultura intellectual que, em todos os periodos historicos, esteve sempre identificada com o desenvolvimento da riqueza e com a expansão do commercio.

CLASSICOS ESQUECIDOS

Não é tão certo como vulgarmente parece o conceito de classico. Todo o saber classico e dos classicos de José de Castilho não achava resposta para estas perguntas que fazia: «Que cousa é classico? Quaes os caracteres por onde esta honrosa qualificação se possa adquirir?» Na nossa lingua, classicos, segundo a noção commum, são os auctores do seculo de 1500, por isso chamados quinhentistas, e os que immediatamente depois escreveram á feição deles. O uso, mais que outro criterio, consagrou este apelido. Se amiudassemos a nossa analise desses escriptores talvez não lhes achassemos intimas caracteristicas literarias gerais bastante accentuadas. Sem embargo, principios communs, que afinal se resumem na imitação intencional dos classicos gregos e latinos, uma comum retorica, a mesma poetica, igual inspiração derivada da conformidade do sentimento relijioso e emoção patriotica, as mesmas fórmas estilisticas, dão a esses escriptores o mesmo ar de familia. E todos efectivamente pertencem, pelo fundo e pela fórma, á mesma familia mental.

Mas será sòmente isto que faz o classico? E' ao menos o conceito assente, sem que gramaticos, filologos, historiadores da literatura ou simples compiladores de antolojias se dêem o trabalho de verificar-lhe a lejitimidade e se além destes sinais, por assim dizer extrinsecos, outros não haverá que intrinsecamente qualificam o classico. A mim, sempre me pareceu que algo de preconcebido e arbitrario ha nesta nossa noção de classico. Com ela não, vai aliás a definição do velho Morais, segundo o qual é classico «o escritor abalizado pelo bem que trata o assunto e pela excellencia do estilo», o que exclue do conceito de classico o tempo e qualquer formula literaria particular.

Não só na portugueza, mas nas principais literaturas modernas, que desde a Renascença se empenharam em imitar os auctores antigos que lidos nas classes eram apresentados como modelos definitivos, se ligou a idéa de classico á literatura de certa época em que, ao parecer dos doutos, alcançou a respectiva lingua toda a sua perfeição. Em França, por exemplo, cuja literatura foi talvez a que melhor afeiçoou as letras classicas antigas, estabelece Brunetière que tres condições devem concorrer no conceito de classico: que a lingua tenha atinjido o seu ponto de perfeição ou madureza; que a obra literaria traga a marca do genio nacional e que seja conforme com a excelencia do seu genero.

A perfeição ou madureza da lingua «não dura mais do que dura a independencia de uma literatura relativamente ás literaturas estranjeiras». O reparo é ainda mais frizante ao portuguez, cujos autores do seculo XVI apenas excepcional e ocasionalmente versariam outras linguas que pudessem corromper-lhes a vernacula, o que lhes facilitava, e até lhes impunha, o que chamamos purismo, Justamente porque não tratam outros idiomas e confinam-se no pensamento e no falar de suas nações, nem sofrem influencias de outras gentes e literaturas, podem essas, poude a portugueza dos quinhentistas ter aquellas feições em que uma raça reconhece a sua propria concepção da vida sua interpretação particular da natureza e do homem, o geito pessoal que deu á expressão daquelles sentimentos gerais que são o patrimonio comum e a herança duravel da humanidade». Assim, «se o valor classico de uma obra depende em parte do grau de adiantamento e perfeição da lingua, em parte depende da fidelidade com que as obras traduzem o espirito nacional». A genuidade deste espirito por sua vez, como o castiço da linguagem, prende-se ao maior ou menor grau de imunidade da nação ás influencias estranjeiras. Por isso um dos caracteres da literatura classica é o seu nacionalismo, não as exterioridades pitorescas ou curiosas da vida e costumes da nação, mas a forma particular que os seus escritores imprimem aos sentimentos gerais que todo o homem é capaz de sentir e compreender, forma que só os nacionaes chegam a apreciar cabalmente.

Na Allemanha, o dr. Strauss chamava classico «o autor em cujas obras a alma de um povo, o que elle tem demais original, plenamente se exprime numa forma que sem ser um modelo a reproduzir perpetuamente, é todavia atrahente e em todo o tempo intelligivel».

Este alto ponto de vista não é o da nossa lingua. Em que pese ao bom Moraes, classico é para nós o escritor vernaculo dos seculos XVI e XVII.

Qualifica-os antes a epoca que o estilo em que escreveram. Os que escreveram posteriormente apenas por estensão e favor são alguma vez considerados classicos, quando anacronica e desarrazoadamente lhes reproduzem o feitio.

Foi ainda com este conceito castiço que o sr. Solidonio Leite fez o seu estimavel livro *Classicos Esquecidos*. O qualificativo aliás calha a quasi todos os nossos chamados classicos. Com razão ou não, andam de facto todos mais ou menos esquecidos. Justifica-lhes o olvido o proprio Antonio de Castilho, o seu serodio arremedador, verificando «a sobejidão de cousas vans, dissaborosas e absurdas em que muitos desses livros (classicos) trazem afogadas as poucas paginas que ainda hoje (1865) se podem ler com curiosidade e reler com aproveitamento».

A razão profunda, e fortissima, do nosso desinteresse dos classicos é que não achamos neles alimento para o nosso espirito nem, salvo nalguns poetas, deleite para a nossa imajinação. São apenas classicos da nossa lingua e não do nosso pensamento. Este exclusivamente o temos feito nos grandes classicos do pensamento universal em todas as linguas cultas, menos talvez em a nossa, onde, com rarissimas, excepções, não os encontramos.

Parece-me, portanto, vaa empresa querer ressuscitar autores menores dos seculos XVII e XVIII, que só porque arremedaram os mais abalizados quinhentistas o sr. Solidonio Leite, acompanhando docilmente criticos anteriores mais ou menos autorizados, chamou de classicos.

Como lingua e estilo os doze escritores por ele estudados, cujo nome não vale a pena citar porque não nos dizem nada, são somenos aos seus modelos; como fundo ou materia, vida de santos, obras de edificação relijiosa, cronicas ou historias de interesse inferior e feitas sem alguma elevação, pouco nos importam já. Se ainda as compram alguns colecionadores e bibliofilos, ninguem, a começar por estes, os lê. A sua procura não aconselhou até agora os livreiros a republicarem nos. A sua desestima faz a sua raridade. Tudo nos livros citados, com tão impertinentes elojios, pelo sr. Solidonio Leite, pensamento, lingua, estilo é obsoleto e desconforme com os nossos interesses mentais. Como todos os prosadores classicos portuguezes—e esta é a sua grande e irremediavel inferioridade—estes carecem de idéas gerais e de imaginação criadora. Abundam em lugares comuns, em trivialidades de filosofia moral, em formas de nenhuma elegancia ou sabor e não raro de duvidosa correcção ou de correcção sujeita ás mais atrevidas elipses, e silepses.

Não penso em desfazer no trabalho do sr. Solidonio Leite, que aliás pouco mais é que de laborioso compilador.

Ao contrario, aprecio-lhe o gosto pelos estudos da lingua e lhe não arguo sequer o amor aos classicos, gosto que, em termos, compreendo e compartilho.

Mas este amor, como todo os amores, não é por via de regra discreto, não julga, não escolhe. E' verdade que o signal verdadeiro do amor é amar os mesmos defeitos do objecto amado. Ou pelo menos não os vêr.

Não desadoro, repito, os classicos, nem desestimo, antes pelo contrario, os que os amam e estudam como o sr. Solidonio Leite. Acho porém, desaproveitado o rabicho de alguns, se tomam por eles. Os classicos querem-se lidos sem o preconceito da sua excelencia e infalibilidade e aproveitados com discernimento, parcimonia e apurado bom gosto. Do contrario são modelos traiçoeiros e mestres dobres.

Tratando do nosso patricio o padre Francisco de Souza, autor do *Oriente Conquistado*, que por signal é um dos mais suportaveis destes classicos esquecidos, aceita ainda o sr. Solidonio Leite a errada opinião de Costa e Silva, que lhe imputa a autoria dos *Eustaquidos* e da *Descrição da Ilha de Itaparica*. Este erro, em que ao principio tambem caiu Varnhagem, foi por este mesmo corrigido (*Florilegio*, I, 152 e *Introdução*) com a atribuição dessas obras a Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica. A rectificação de Varnhagem achou-se confirmada pela publicação integral do *Novo Orbe Serafico* de Jaboatão. (2ª parte, I, 38).

JOSÉ VERISSIMO.

Varias Noticias

Notas policiaes.—Patrulhará a cidade hoje, (4.ª feira) bem como o mercado publico, o subdelegado do 1.º districto João da Silva Velloso e o theatro o subdelegado do 6.º districto Bazilio Cabral.

Prisão correcional. — Foram ante-hontem recolhidos á cadeia, a ordem do subdelegado do 4.º districto, Raymundo Alves de Barros e Enedina Maria da Conceição, por disturbio.

—

Delegacia Fiscal. — A delegacia fiscal recebeu da directoria da despaza publica os titulos das pensionistas d. d. Angela de Miranda Torres e Joanna de Miranda Torres, irmãs do alferes do exercito Simmaco Xavier Torres, achando-se habilitada com o credito necessario para o respetivo pagamento, no periodo de 16 de maio a 31 de dezembro do corrente anno.

—

Districto Telegraphico.—O exmo. sr. dr. Joaquim Pires, acompanhado dos drs. José Euclides de Miranda e José de Carvalho, visitou ante-hontem a chefia deste districto.

—Partiu hontem, em viagem de inspecção, com destino á S. Pedro de Ipiapina, o engenheiro chefe deste districto dr. Agenor Miranda, ficando encarregado do expediente o sr. Tobias Friedemann, encarregado da estação desta capital.

—

Recebemos um exemplar da Lei organica dos municipios do Estado do Maranhão, annotada pelo illustre magistrado dr. Henrique José Couto, juiz de direito do Brejo. Agradecemos.

TRIBUNA LIVRE

Avisa-se aos srs. socios do «Thesouro da Familia» que até o dia 5 de agosto deverão pagar as 15.ª e 16.ª quotas de peculio por fallecimento as quaes já se acham em poder do agente. Desse dia em diante, pagarão com multas de 10 % e 20 % conforme o praso de 10 ou 20 dias que pedirem.

Therezina, 21 de julho de 1914.
José Euclides de Miranda.
Representante.

Sport Club Therezinense

De ordem do sr. Prezidente deste club chamo a attenção dos srs. associados para o pagamento das joias e mensalidades em atrazo.

Thesouraria do «Sport Club Theresinense», em Theresina, 18 de julho de 1914.

O thesoureiro,
Abelardo Veras.

Dr. B. Moura Baptista
MEDICO OPERADOR
Attende chamados a qualquer hora dentro da cidade e mesmo para o interior do Estado
Consultas—diarias na PHARMACIA FERRAZ das 14 ás 16 horas.
Residencia rua Alvaro Mendes n. 8.

Amazio Britto
CIRURGIÃO DENTISTA
RUA GRANDE

Dr. Bonifacio de Carvalho
MEDICO OPERADOR
Acceita chamados a qualquer hora do dia e da noite
Residencia praça Marechal Deodoro
Consultas gratis aos pobres na pharmacia Humanitaria á rua Ruy Barbosa.

Aluga-se o corpo da casa á rua são José n.º 14, sendo duas bôas salas de frente e duas alcovas, sem sanida, com entrada independente proprias para officina de alfaiate escriptorio, etc. a tratar-se na mesma.

DEPURATIVO LYRA
HEMOSANO
SABOR AGRADAVEL
CURA SYPHILIS
Não ataca o estomago

Lares e Serços

SOCIEDADE MUTUA DE PECULIOS
AVISO

Levamos ao conhecimento de todos os socios desta sociedade que estão sendo feitas na sede social as chamadas para pagamento de peculios no mez de agosto proximo.

Fica marcado o prazo de 30 dias, a contar desta data para o pagamento, sem multa, das quotas de todos os socios, aqui e cada um destes tem de pagar 5 quotas, a rasão de 5$000 réis cada uma.

Therezina, 10 de julho de 1914
Os agentes *Sá & Companhia*
Rua Bella 58.

Garrafas vasias, de cognac e vermouth, quintos e ancurêtas; compram-se na fabrica de bebidas a rua são José n.º 14.

Juvencio Carvalho & comp. teem para vender burros novos e fortes por preços muito razoaveis.

Pharmacia Ferraz

Este estabelecimento acaba de receber grande sortimento de drogas e preparações pharmaceuticas, estando disposto a fazer grande reducção de preços em suas vendas.

Recebeu, além de muitos outros productos, que quem tiver necessidade, deve de preferencia procural-o, na certeza de que será bem servido, o seguinte: Uma sessão completa de opothurapia, solucção de Pautauberge, vinho Gyrard, Matricaria, pilulas de Foster, levurina Coirre, xarope Bial, Salsa Parilha de Bristol, dita Syer, chloretyla Bengué, balsamo Bougné, xarope Fornel, titina de quinina, frutines bichy e muitas outras cousas, que se tornará enfadonho enumeral-as.

UMA VISITA A' PHARMACIA FERRAZ.

Preços excepcionaes!

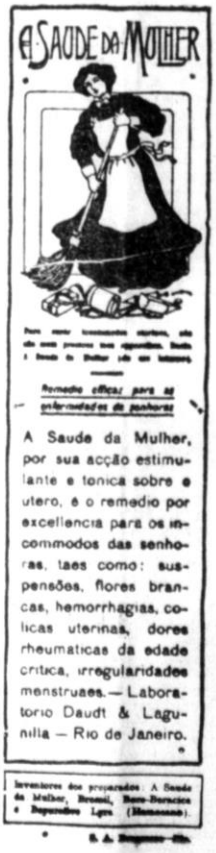
PREÇOS CORRENTES
da
Fabrica de *Azevedo & Comp.*
—Rua S. José n. 14—
Therezina—Piauhy

Vinho branco, decimo	19$000
Vinho fino, caixa de duzia	10$000
Vinagre tinto, decimo	15$000
Vinagre branco, decimo	14$500
Aguardente de hortelã pimenta, decimo	44$000
Aguardente de hortelã pimenta, caixa de duzia	10$000
Licor fino de rosa, caixa de duzia	18$000
Genebra typo fockink, caixa de duzia	16$000

Estes preços são liquidos, na fabrica, a praso de 30 dias de data. Garantimos as qualidade dos artigos acima serem de superior qualidade aos de qualquer outra fabrica deste Paiz; o vasilhame é de primeira orden.

A fabrica tem grande sortimento, e está habilitada a aviar tanto para esta praça como para todo interior deste estado e do Maranhão. Temos a certeza de ninguem poder competir comnosco, tanto em preços como em qualidade.

Aguardamos os pedidos do commercio em geral
Theresina, 20 de Junho de 1914. 30—5



EM OBDIENCIA AOS ESTATUTOS SOCIAES

O Thesouro da Familia
acaba de completar de peculios pagos:
525 910$000

O illustre capitalista e industrial limoeirense, o sr. coronel José Fernandes Salsa, como testemunho do recebimento do peculio instituido em seu favor pela sua digna esposa e pago pelo THESOURO DA FAMILIA, elaborou o seguinte documento:

Recebi do sr. coronel Silvino Pinto, director-thesoureiro da sociedade de peculios mixto, THESOURO DA FAMILIA, com séde no Recife, a importancia de vinte contos de réis (20:000$000) correspondente ao peculio que foi instituido em meu beneficio por minha esposa e adherente, Custodia Maria Fernandes Salsa com inscripção n. 59, de Serie Preferida, peculio por mim requerido em 17 de março proximo findo, do qual dou plena e geral quitação á mesma sociedade, ficando a referida apolice saldada, liquidada e canceliada para todos os effeitos, cumprindo-me agradecer o modo com que a directoria desta Sociedade resolveu com solicitude e presteza o mesmo pagamento, o que aliàs é de praxe ella proceder para com todos os associados.

Recife, 10 de junho de 1914. *José Fernandes Salsa*

TESTEMUNHAS:
José Rosado de Oliveira
Joaquim Cardoso
Mauricio T. de Moura
José Antonio de Lima

(Firmas reconhecidas pelo tabelião publico interino Edmundo de Assis Rocha). O socio fallecido contribuiu apenas com 1.410$000.

Leiam e admirem!

Peculios pagos 525:910$000

O Thesouro da Familia dia a dia se impõe á estima dos seus associados e confiança do Publico.

Séde social

N. 23—RUA BARÃO DA VICTORIA N. 23

1.º ANDAR—**RECIFE PERNAMBUCO**

Caixa Postal, 255—Teleph., 992—End. Telegraphico THESOURO—Cod. teleg. RIBEIRO

Representante:—JOSÉ EUCLIDES DE MIRANDA
10-4

Hotel 15 de Novembro

O mais bem montado e preparado para hospedes situado no centro da cidade
Acceita se hospedes e encarrega se de serviço para fora do estabelecimento
Ajuste previo com o proprietario
JUSTINO BARBOSA

CIGARROS DE PAUS

Fabrica "Cruzeiro" de Cigarros

DE A. Motta & C.ª Parnahyba — Piauhy

Os nossos acreditados cigarros são venaldos em Theresina, a grosso, pelos srs. Leocadio Santos, Irmão & C.ª, aos menotes preços que podemos fazer.

A. MOTTA & C.ª